



Segundo Domingo depois de Pentecostes (13/06/04) Próprio 6

1ª leitura (Antigo Testamento) - II Samuel 11.26 a 12.10, 13-15

O segundo livro de Samuel faz parte da historiografia deuteronomística (baseada na teologia do Deuterônomo) escrita durante o exílio judaico na Babilônia. Os revisores deuteronomistas buscaram nos desvios da monarquia, uma, senão a principal, causa do fim do Estado Israelita-Judaico e a destruição do Templo. Nem mesmo o rei Davi se salvou do olhar crítico dos deuteronomistas do exílio. O juízo se expressa na frase: *"Porém isto que Davi fizera foi mal aos olhos do SENHOR"* (2 Samuel 11:27b; cf. Dt 4:25b; 9:18; 17:2). Observe-se o fato da sentença ser pronunciada antes do próprio Davi se auto-condenar (12:5-6 e 13). O que o texto quer é mostrar a relação entre o abuso de poder, a consciência do abuso de poder e as conseqüências do abuso de poder.

O abuso de poder nasce do fato de se colocar acima da ética. Davi estava exercendo o poder não em nome de Deus mas dos seus desejos egoístas (2 Sm 11:1-5). Se Davi não tivesse engravidado Bate-Seba tudo teria terminado em pizza. Aí acontece um novo abuso de poder: chaman Urias (esposo de Bate-Seba) e pretende convencê-lo, embebedando-o, de se deitar com a mulher apesar de estar em plena campanha militar (2 Sm 11:10-13). Não conseguindo êxito na tentativa de encobrimento comete um novo abuso: a morte do inocente e potencial denunciante (2 Sm 11:14-24). O poder de Deus não pode ser exercido assim. Essa é a tese dos deuteronomistas.

A consciência do abuso de poder é propiciada pelo profeta Natã através de uma parábola (2 Sm 12:1-4). Na parábola de Natã estão presentes todos os abusos mas Davi não consegue perceber que se trata dele mesmo. Que diferença quando falamos de uma situação distante e hipotética e quando falamos de uma situação real em que nós estamos envolvidos/as. No v.7 a consciência dói. Agora não dá mais para encobrir como resume Natã nos versículos 7 a 9.

As conseqüências dos abusos de poder são terríveis. Morte gera mais morte. A violência nunca se afastará da casa de Davi (v.10-11) e a criança também morrerá (v.13). Davi viverá...mas que vida...uma vida para ser testemunha do mal que causou ao abusar do seu poder.

Esta é uma história triste contada por gente triste que vivia sofrendo longe da sua casa na Babilônia. Quem não gostaria de esquecer uma história como essa? Porque não lembrar de Davi apenas como herói ou como um rei feliz quando a Arca era levada para Jerusalém? Os deuteronomistas entendem que foi por esquecer partes da história como essas que sofriam na Babilônia.

O mundo em que vivemos foi muitas vezes governado pelos que *"fizeram mal aos olhos do Senhor"*, e ainda é. Mas refletimos isso nas nossas comunidades ou preferimos nos esconder na Igreja para esquecer de tudo? A própria Igreja, ecumênica e denominacionalmente falando, como é governada? E nossos lares como



são governados? É melhor lembrar mesmo com dor para evitar o que mais adiante será inevitável. (HMG)

2ª leitura (epístola) - Gálatas 2.11-21

Esta carta é escrita em meio a um enorme conflito na Igreja Primitiva. De um lado temos um cristianismo com uma forte tendência judaizante e de outro temos um cristianismo gentílico. De um lado temos a exigência da fé em Cristo, como única exigência para a salvação. Do outro encontramos cristãos dizendo que sem a prática da circuncisão ninguém pode ser salvo. Afinal quem estará com a verdade? É diante destes problemas que Paulo resolve escrever esta carta. Sua intenção era demonstrar que ninguém precisava ser circuncidado para pertencer ao povo da aliança. Neste texto, particularmente, podemos perceber que há pelo menos três coisas impossíveis quando este tipo de questão volta à baila. Pensando nisso desenvolveremos nossa meditação com seguinte tema: **Grandes impossibilidades.**

Precisamos compreender em primeiro lugar, que **é impossível uma religiosidade livre de condicionamentos.** (v. 11) O início de nosso texto já começa com um confronto entre duas pessoas que seriam os legítimos representantes de dois grandes paradigmas religiosos. Pedro representaria o paradigma mais antigo, aquele ligado às origens. Pedro, sendo oriundo de uma cultura e de uma cosmovisão judaica, jamais poderia dissociar seu cristianismo daquele ambiente sócio-cultural no qual ele conheceu o Senhor. Pedro é o exemplo claro daqueles cristãos que defendem uma causa simplesmente porque é uma causa antiga, porque sempre foi assim, porque foi assim que ele aprendeu, foi nestas circunstâncias que ele conheceu Jesus como seu Senhor.

Paulo já apresenta outra postura. Ele é o *tipo ideal* daquele que entrou no movimento em um segundo momento. Ele é alguém mais ilustrado. Conhece outras culturas. Viajou por inúmeros países. Paulo era cidadão romano e se relacionava muito bem com a diversidade cultural que caracterizava o Império Romano. Ele é o exemplo claro de alguém que está aberto para novas possibilidades interpretativas. Mas percebe que a grande crítica lançada por Paulo contra Pedro não residia exatamente em sua cosmovisão diferente, mas na sua postura incoerente (v.12). Pedro se tornou repreensível porque apresentou dois comportamentos. Ele se mostrou dúbio em sua prática. Neste momento em que a Igreja ainda não havia decidido bem o que fazer sobre a questão da circuncisão dos não-cristãos, Paulo assume uma postura bem mais aberta, mas resiste à tentação de desqualificar Pedro diante da comunidade em função do que acreditava, mas em função do que fazia.

É possível que em nossas comunidades também encontremos pessoas que vivam em posições antagônicas sobre vários assuntos. Devemos, como Paulo, reconhecer que essas diferenças são próprias de uma Igreja que se pretende Católica, devemos suspender o juízo sobre as questões que são secundárias, e, finalmente, evitar desqualificar as pessoas em função de suas idéias.

Em segundo lugar, devemos compreender que **é impossível a justificação pelas obras.** (v. 16) Quando Paulo passa a tratar do tema da "justificação", então a coisa começa a aquecer. Ele inicia dizendo que "o homem não é justificado por obra da lei".



Para Paulo, o que tornaria alguém "justo" diante de Deus jamais seria algo que tenha a ver com a guarda de algum dia, a prática da circuncisão ou seus hábitos alimentares. Era justamente isso o que sustentava seus oponentes na Galácia. Eles diziam que ninguém seria aceito por Deus se continuasse comendo certos tipos de carne, se não guardasse o sétimo dia e se não fosse circuncidado. O pensamento de Paulo é que nenhum esforço humano e nada do que ele faça ou deixe de fazer pode jamais ser o responsável pela nossa aceitação diante de Deus. Não somos aceitos por Deus porque deixamos de comer ou porque comemos algo, nem porque cultuamos neste ou naquele dia, e muito menos porque fazemos ou deixamos de fazer isso ou aquilo. A nossa salvação é uma questão de Graça, por meio da fé, e não de esforço próprio. E arremata dizendo que, "se a justiça provém da lei, então Cristo morreu em vão". (v. 21)

É possível que, em nossas comunidades, pessoas sejam julgadas melhores ou piores porque "comem", "bebem", "vestem" ou "fazem" isso ou aquilo. Com Paulo aprendemos que nossa aceitação por Deus independe de nossa dignidade ou esforço, mas apenas de sua Graça. Se é assim, devemos também exercitar gratiosidade para com nossos irmãos.

Finalmente, somos instruídos por Paulo a perceber que **é impossível um cristianismo sem cruz**. (v.19) Ora, afirmar que a lei não pode mais ser o parâmetro de medida sobre nosso relacionamento para com Deus não é a mesma coisa que dizer que não temos mais qualquer exigência em nossa vida. de acordo com o pensamento de Paulo, se nós fomos "crucificados com Cristo", então estamos mortos segundo a lei. A lei não pode mais me atingir, me acusar, me punir, uma vez que estou legalmente morto. Mas minha "morte" com Cristo é uma entrada em outra dimensão da vida. Cristo vive em mim. A vida que hoje vivo, vivo-a na fé do Filho de Deus (v. 20) que me amou e se entregou por mim. Por meio desta "união com Cristo" não temos nossa identidade suprimida, mas temos o "caráter" de Cristo impresso em nós pelo Espírito. Não se trata de perder algo, mas de ganhar.

Andes de incentivar uma postura legalista em nossas comunidades, ou seja, uma postura que procure "sinais externos de santidade" no que fazemos, comemos ou vestimos, precisamos incentivar a prática de uma "vida crística", ou seja, pautada pelos valores do Reino praticados por Cristo. Sem isso, é impossível um cristianismo que seja impactante em nossa sociedade. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 7.36-50

Perdão e amor são inseparáveis no mistério da reconciliação. Em nosso texto encontramos um enorme contraste: uma mulher "pecadora" e um fariseu. Os fariseus eram experts em catalogar pecados. Ela é chamada "mulher da cidade". Em outras palavras, "mulher da rua", ou "mulher da vida". Provavelmente, uma prostituta. Mas ela trazia algo para Jesus: um frasco de perfume. Talvez um tipo de óleo afrodisíaco usado em suas atividade sexuais. E Jesus não recusou! Isso causou tremendo escândalo entre os fariseus. Jesus percebe e pergunta ao fariseu: "quando um credor perdoa duas pessoas que lhe devem valores diferentes (500 "reais" ou 50 "reais), qual dessas lhe será mais grato? Quem terá mais amor?". E o fariseu responde acertadamente: "aquele ao qual mais foi perdoado". E Jesus lhe disse: "muito bem!".



Se atentarmos bem para o texto, veremos que a mulher não pede perdão a Jesus. Na verdade, Jesus diz que aquela mulher já fora perdoada. Sua declaração no versículo 47 é de algo que já aconteceu: “seus numerosos pecados lhe estão perdoados” (BJ); ou “os seus pecados tão numerosos foram perdoados” (TEB), “os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados” (B Pastoral) ou conforme traduz muito bem a BLH: “o grande amor que ela mostrou prova que os seus muitos pecados *já foram* perdoados”.

O perdão que aquela mulher recebeu produziu amor. O perdão é sempre fonte de amor porque não atua com base no que possamos oferecer em troca. Diante de Deus, nada podemos oferecer para comprar-lhe o perdão. O perdão é ofertado gratuitamente. Por isso a lógica do Evangelho é diferente da nossa lógica. Quando alguém nos ofende ou quando ofendemos alguém, o perdão humano geralmente vem acompanhado de condições e, geralmente a pessoa perdoada nessas condições vê nascer em seu coração um sentimento de humilhação, revolta e ódio, ao invés de amor. Mas o perdão oferecido por Jesus sempre produz amor.

Enquanto nos sentirmos rejeitados por Deus, não poderemos amá-lo. Deus aparecerá sempre como um poder opressor que outorga leis de acordo com seu prazer, que julga de acordo com seus mandamentos e que condena de acordo com sua vontade. De nada adianta tentarmos primeiro remediar nossa vida para termos comunhão com Deus. O máximo que conseguiremos será deixar de praticar certos atos por algum tempo, à custa de muito sacrifício e obediência. Contudo, a teologia da obediência é boa apenas para os que já se consideram “justos” como os fariseus e puritanos. Não serve para os pecadores. Os pecadores, como nós, precisamos é do anúncio do perdão porque este, sim, gera amor e doação porque nos acolhe tal qual somos, enquanto ainda pecadores.

O perdão é maior experiência que alguém pode ter. Isso não acontece freqüentemente, mas quando acontece, ela decide e transforma tudo. O ministério cristão, de quem recebeu esse perdão libertador, não consiste em acusar ainda mais as pessoas de seus pecados. É antes, anúncio de um escândalo: a oferta de um perdão que não opera nas leis da barganha e da troca. Somente esse é o perdão capazes de transformar vidas, porque somente esse faz nascer o amor e nos traz a paz (CEBC).